

HISTÓRIA, VERDADE E ÉTICA: A CENTRALIDADE DO SUJEITO NA EPISTEMOLOGIA DE PAUL RICOEUR[1]

HISTORY, TRUTH AND ETHICS: THE CENTRALITY ON THE SUBJECT OF PAUL RICOEUR EPISTEMOLOGY

HISTORIA, LA VERDAD Y LA *ÉTICA* : EL SUJETO CENTRALIDAD EN PAUL RICOUER EPISTOMOLOGÍA

Felipe Salvador Weissheimer[2] e Ivonete Pereira[3]

Em *História verdade e ética: Paul Ricoeur e a epistemologia da história*, Aldo Nelson Bona se preocupou em discutir em que medida as proposições filosóficas de Paul Ricoeur podem ancorar uma epistemologia centrada no sujeito (BONA, 2012, p. 31). Assim, propôs pensar a hermenêutica, a narrativa, a memória e a ética a partir da noção de sujeito.

Bona abordou algumas questões que marcaram a História da Filosofia, nos quais os pressupostos da cientificidade histórica que surgiu no século XIX, ao longo do século XX passaram a ser questionados por um conjunto de ideias que buscavam analisar a extensão e a aplicação dos métodos das ciências da natureza à sociedade, problematizando as diferenciações entre o objeto das ciências naturais e o das ciências humanas, e qual seria o papel do sujeito na produção desse conhecimento (BONA, 2012, p. 39-40).

Assim, estaríamos vivendo uma crise historiográfica? As desconfianças em torno dos grandes modelos explicativos e das metanarrativas, a crítica à ideia do passado como algo fixo e determinado e os debates sobre o discurso histórico como um gênero narrativo, são evidências da crise epistemológica da produção histórica. O autor avaliou que os debates feitos à respeito do "moderno" e do "pós-moderno" também são indícios desta crise. A própria indefinição em torno do que é "pós-moderno" define somente um desejo de superação do modelo anterior (o moderno). O problema em se assumir

[1] Resenha da obra: BONA, Aldo Nelson. História verdade e ética: Paul Ricoeur e a epistemologia da história. Guarapuava/PR: Editora UNICENTRO, 2012.

[2] Universidade Estadual do Oeste do Paraná/ campus Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE), Marechal Cândido Rondon, PR, Brasil. E-mail: felipe.s.w@hotmail.com

[3] Universidade Estadual do Oeste do Paraná/ campus Marechal Cândido Rondon (UNIOESTE), Marechal Cândido Rondon, PR, Brasil. E-mail: ivi.pereira21@gmail.com

uma postura de radical oposição aos modelos anteriores, ou seja, aos modelos epistemológicos historiográficos pautados na cientificidade, para Bona, é depreciar tudo o que o antigo modelo afirmava e valorizava. A insegurança vivenciada frente à crise na historiografia seria o efeito das críticas aos velhos modelos que pautavam a história como uma ciência ao modelo das ciências naturais. Assim, estaríamos num estado intermediário entre um "modo de ser" e um "novo modo se ser", um momento em que se sabe o que não se quer ser, mas não se sabe o que se quer ser (BONA, 2012, p. 42).

Bona destacou que há um caráter conciliatório das posições rivais no estilo filosófico de Paul Ricoeur, que permite livrar-se das pretensões de objetividade nos parâmetros cientificistas e, ao mesmo tempo, afastar-se dos relativismos inconsequentes que não veem senão indistinção entre história e ficção (BONA, 2012, p. 61-62). A conciliação das posições rivais expressivas em meio à crise epistemológica perpassa pela noção de sujeito. Para Ricoeur a interpretação do mundo é concomitante à interpretação de si. Neste sentido, "toda leitura de um texto é sempre feita em função de óculos específicos (tradição, comunidade, corrente de pensamento), de pessoas vivas, que elaboram pressupostos e exigências" (SILVA, 2010, p. 166).

Para compreendermos a relação ricoeuriana entre a hermenêutica (interpretação) e a concepção centrada no sujeito, Bona citou Ricoeur: "se é verdade que a hermenêutica se completa na compreensão de si, é preciso rectificar o subjetivismo desta proposição, dizendo que compreender-*se* é compreender-*se em face de* o texto". (RICOEUR *apud* BONA, 2012, p. 105). O que podemos destacar a partir destas considerações é que, *a priori*, na relação hermenêutica entre o sujeito que conhece e é conhecido na leitura do mundo se efetiva um processo constante de "subjetivação". Ou seja, para Bona, na hermenêutica ricoeuriana "o sujeito participa da construção do objeto, ao mesmo tempo em que é construído por ele. Isso é um convite aos historiadores para que eles assumam-se enquanto sujeitos interessados, sem ceder à fascinação de uma falsa objetividade" (BONA, 2012, p. 66). Assim, faz-se da objetividade histórica uma construção a partir da subjetividade na qual firma o conhecimento histórico como um problema ético. Para Ricoeur, o trabalho de seleção e de combinação, que é uma característica da subjetividade do autor e que o determina para a construção objetiva do conhecimento histórico, é orientado pela busca não da verdade, mas do bem.

Para compreendermos a proposição de Ricoeur sobre a verdade histórica como um problema ético, no seu enfrentamento a uma "crise epistemológica" (ainda em debate no campo da historiografia), se faz necessário perpassarmos pelas discussões que envolvem as proposições da história como um gênero narrativo e da memória como fonte para a construção histórica.

Uma das características da epistemológica ricoeuriana é o reconheci-

mento da história como gênero narrativo. Segundo Bona "Ricoeur objetiva evidenciar em que medida o tempo é articulado pela narrativa, enquanto que a narrativa ocorre no tempo, ou seja, o tempo é condição de possibilidade da narrativa". (BONA, 2012, p. 161). Neste sentido, a narrativa seria a condição necessária para o conhecimento da temporalidade, ou seja, do desenvolvimento do tempo; e a experiência temporal seria a significante do narrado.

Sendo a narrativa a possibilidade de configurar e dizer o tempo, e se o tempo só é pensado quando narrado, toda narrativa teria uma relação com a história? Sim. Mas há uma diferença entre a "representância do passado" (discurso histórico) e discurso ficcional (que pode ser tomado como um acontecimento histórico). Pensando esta proposição a partir de Bona, isto se dá pelo fato da "linguagem realizar-se como discurso", ou seja, o discurso é um acontecimento por expressar a linguagem, que representa algo em determinado momento. Contudo, Bona destacou uma discussão proposta por Ricoeur sobre a fronteira entre a narrativa histórica e narrativa ficcional, que é relevante para compreendermos a epistemologia ricoeuriana. Mas, o que podemos destacar como diferencial da narrativa histórica é a representância do discurso histórico em relação ao passado, que encontra na memória[4] um "ancoradouro confiável ao saber".

Como destacou Bona, "Ricoeur considera a memória como fonte de produção do conhecimento histórico" (BONA, 2012, p. 196), e apresentou no uma articulação entre a memória e o conhecimento histórico (que é narrativa, por excelência) a partir da epistemologia ricoeuriana. Bona apresentou a relação dialógica entre a história e a memória na epistemologia ricoeuriana, na qual a memória é a fonte do conhecimento histórico, e o "fazer historiográfico" é o que regula os usos e abusos da memória. Também podemos observar o sentido ético da proposição da Ricoeur, conforme destacou Bona, pois sendo a história uma "terapia" a nível social, a partir da regulação da memória, poderia "amenizar/controlar a dor" das vivências/memórias do passado. Além disso, o sentido ético do "fazer historiográfico" repercute (ou exerce pressão) sobre o sujeito que escreve a história. Neste sentido, Bona citou Ricoeur:

> Como todo trabalho sobre o passado, o trabalho do historiador jamais consiste apenas em estabelecer fatos, mas também de escolher alguns deles como sendo mais destacados e mais significativos que outros para, em seguida, relacioná-los entre si; ora, esse trabalho de seleção e de combinação é necessariamente orienta-

[4] Em *A memória, a história, o esquecimento*, Ricoeur distinguiu três espécies de "rastros da memória": "o rastro escrito, que se tornou, no plano da operação historiográfica, rastro documental; o rastro psíquico, que é preferível chamar de impressão, no sentido de afecção, deixada em nós por um acontecimento marcante ou, como se diz chocante; enfim, o rastro cerebral, cortical, tratado pelas neurociências". (RICOEUR, 2007, p. 425).

> do pela busca não da verdade, mas do bem. (RICOEUR *apud* BONA, 2012, p. 152).

Foi a partir do trato com a memória que, para Ricoeur verdade histórica foi considerada, em última instância, um problema ético (BONA, 2012, p. 36). Não pela falta de referência a uma "realidade passada", mas pelos usos dos referenciais que remetem a "realidade passada". Isto se deve à noção de que a verdade é subjetiva, individual. Para ele existe uma intersubjetividade que é inerente à dimensão dialógica da verdade segundo a qual cada um "se explica, desenvolve sua percepção do mundo no "combate" com outrem" (RICOEUR *apud* BONA, 2012, p. 259).

Bona destacou que existe uma exigência ética ao comportamento responsável do intelectual na construção do discurso histórico, que é uma espécie de promessa de fidelidade ao passado, na qual Ricoeur enfatizou na reflexão sobre o "fazer historiográfico". Para Ricoeur, essa promessa de fidelidade ao passado que se faz no plano público, que representa formalmente um compromisso que coloca o locutor na obrigação de fazer, transpõe a questão do plano ético para o plano político. Assim, a historiografia é reconhecida como uma prática social e, desta forma, um ato moral, sujeito a sanção dos pares. Moral definida como um "conjunto de regras, princípios e normas que regem a conduta individual" (BONA, 2012, p. 245). Ou seja, a historiografia enquanto um ato moral é regulado conjunto de regras, princípios e normas, que está sujeita a apreciação ou depreciação dos demais.

Há uma significativa contribuição nas análises de Bona sobre a obra de Ricoeur, pois conforme destacou, Ricoeur não se preocupou em organizar de forma sistemática uma epistemologia para a história. Parece-nos que a principal contribuição de Bona está na sistematização do pensamento de Ricoeur, sobretudo de uma epistemologia centrada no sujeito. Pensar a hermenêutica, a narrativa, a memória e a ética a partir da noção de sujeito se faz necessário para compreendermos os debates em torno de questões tais como a objetividade e a subjetividade da história, o reconhecimento da histórica como um gênero narrativo, e a política da "justa memória", que condiciona os usos da memória em relação ao passado. De fato, Bona apresentou de forma sistemática a epistemologia ricoeuriana, na qual qualquer pesquisador sobre teoria e epistemologia da história poderá contemplar assuntos que perpassam a construção historiográfica.

Referências

BONA, Aldo Nelson. **História verdade e ética**: Paul Ricoeur e a epistemologia da história. Guarapuava/PR: Editora UNICENTRO, 2012.

RICOEUR, Paul. O esquecimento. In _____. **A memória, a história, o esquecimento**. Campinas/SP: Ed. Unicamp, 2007, p. 423-462.

SILVA, José Augusto da. A ontologia hermenêutica de Paul Ricoeur. **Theoria**, v. 4, n. 10, p. 165-173, 2010.

Resenha recebida em 13-04-2014, revisada em 13-10-2014 e aceita para publicação em 20-10-2014.